

06

Campeonato nos antigos estádios da cidade do Rio de Janeiro.
Pão e Circo antes do padrão FIFA.

ARQUITETURA
DESPORTIVA
ESTÁDIOS
FUTEBOL
RIO DE JANEIRO

O futebol é considerado o esporte mais popular no Brasil e a cidade do Rio de Janeiro, além de abrigar o estádio mais conhecido do mundo, o Maracanã, conta com mais de uma dezena de estádios menores, sedes dos clubes que disputavam o antigo campeonato carioca até a década de 1970.

Este trabalho pretende abordar, principalmente, o universo dos espaços dos estádios cariocas, considerando seu partido arquitetônico, capacidade de público e sua inter-relação com o entorno imediato, determinando algumas transformações conforme o prestígio ou a importância do clube na tabela do campeonato.

Championship in Rio de Janeiro city's ancient stadiums.

Bread and Circus before FIFA's pattern.

The football is one of the most popular sports in Brazil. However, it was in Rio de Janeiro that it was built the most known stadium of the world: Maracanã.

This article will discourse about the carioca stadiums and the relation with its neighborhood. Some aspects like its architectonic appearance, public capacity will be evaluated to explain how these aspects produced negative or positive transformations to local area.



Autor

Arq. William Seba Mallmann Bittar

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Brasil.

Palabras clave

Arquitetura desportiva
Estádios
Futebol
Rio de Janeiro

Key words

Sporting architecture
Stadiums
Football
Rio de Janeiro.

Artículo recibido | Artigo recebido:

11 / 07 / 2014

Artículo aceptado | Artigo aceito:

01 / 09 / 2014

«Noventa milhões em ação
Prá frente Brasil do meu coração
Todos juntos, vamos
Prá frente Brasil
Salve a seleção.»¹

INTRODUÇÃO

A competição como forma fundamental de luta social é um processo estabelecido desde as primeiras relações humanas de forma efetiva, na disputa por algum «prêmio», ou simulada em eventos internos criados para adestrar no conhecimento dos futuros competidores. Durante séculos, os locais destinados para essas práticas não eram definidos de forma permanente, utilizando-se o espaço resultante da ocupação nômade das tribos em movimento antes da fixação decorrente da revolução agrícola.

Provavelmente os primeiros programas de arquitetura com planejamento específico e eficiente para a realização de tais jogos estão associados à Antiguidade Romana, com a construção de seus imponentes estádios, síntese perfeita da proposta de panem et circenses, responsáveis pelo cenário da catarse, pela minimização das tensões psicossociais.

Ali ocorriam as competições, nem sempre o simples esporte, preconizado pelos gregos, mas em muitas ocasiões a simulação dos jogos de poder, facilitando a vitória de quem interessava, solidificando o prestígio do modelo dominante.

Nas arquibancadas a multidão urra, vocifera, torce... É o seu gladiador preferido; trata-se do cristão que resiste, assegurando para o público a sua fé; são as praças de touro, onde ocorre o embate homem X fera; os jogos de beisebol, hipnotizando os americanos do norte, assim como japoneses e venezuelanos...

No Brasil, a paixão nacional está, com poucas e raras variações, direcionada para o futebol, presente desde os campos de várzea, onde surgem talentos natos, até hoje desconhecidos, passando pelos modestos estádios particulares – os «campos» – de clubes até o templo máximo do futebol, verdadeiro símbolo do lazer domingueiro: o estádio Jornalista Mário Filho ou simplesmente, Maracanã. (Figura 1)

«Hei de torcer, torcer, torcer, hei de torcer até morrer (...)

A cor do pavilhão é a cor do nosso coração.»²

Originário de São Paulo, foi na cidade do Rio de Janeiro que o futebol adquiriu cor e paixão nacionais. As partidas gradativamente equiparavam-se ao turfe e ao remo, os esportes anteriormente prediletos da população. Alguns clubes de regatas incorporaram o futebol, herdando a paixão já consolidada de suas torcidas, como Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama e São Cristóvão.

O aumento da frequência decorrente da popularização do esporte indicava a urgente necessidade da construção de estádios mais confortáveis, substituindo as instáveis arquibancadas de madeira, presentes em quase todos os gramados.

Entre 1919 e 1965, praticamente todos os doze clubes integrantes do universo do futebol carioca construíram seus próprios estádios, nos mais diversos pontos da cidade. Era o futebol se popularizando e atingindo indiscriminadamente a todas as classes, todas as regiões, abrigo uma das mais conhecidas competições do país até o final da década de 1970: o Campeonato Carioca.

Este trabalho pretende abordar, principalmente, o universo dos espaços dos estádios cariocas, considerando seu partido arquitetônico, capacidade de público e sua inter-relação com o entorno imediato, determinando algumas transformações conforme o prestígio ou a importância do clube na tabela do campeonato ou na participação direta no Campeonato que ao longo das últimas décadas teve sua estrutura e formato modificados para aumentar sua abrangência por todo o Estado do Rio de Janeiro.

Para fundamentar o objetivo principal, serão apresentadas algumas considerações sobre o *sport* no Rio de Janeiro e as origens do futebol no Brasil. Posteriormente, será abordado o universo dos clubes do antigo campeonato carioca, situação privilegiada que proporcionou a construção de um estádio para cada participante, independente do tamanho de sua torcida, implicando verdadeiras transformações em seu entorno imediato. Através de descrições, a arquitetura desses conjuntos será analisada, bem como sua decadência e abandono. Para realização deste trabalho, além da bibliografia específica, foi indispensável a consulta a revistas especializadas, vídeos, arquivos fotográficos e fonográficos além a visita a todos os estádios citados, com respectiva documentação, permitindo a elaboração e organização de material para posterior consulta e base para análises em outros campos do conhecimento.

1. Trecho da marcha "Prá frente Brasil", composta por Miguel Gustavo em 1970, inicialmente como jingle publicitário, e acabou como hino da conquista do «tri» campeonato mundial de futebol pela Seleção Brasileira.

2. Trecho do hino do América Futebol Clube, composto por Lamartine Babo, célebre torcedor americano, em 1949.



FIGURA 1 | Cartão postal.

DO SPORT NO RIO DE JANEIRO

Do período colonial até o final do século XIX existem poucos registros da prática esportiva, em qualquer modalidade.

«Nós vivíamos, a bem dizer, indiferentes aos prazeres e às alegrias salutares do esporte. A geração que vai proclamar a República, (...) de fracos e enfezados, de lânguidos e de raquíticos, sempre enrolada em grossos cachez–nez de lã, a galocha no pé e um guarda–chuva de cabo de volta debaixo do braço» (EDMUNDO, 2003:519).

O próprio conceito de atividade esportiva era amplo e a utilização do termo *sport* certamente por modismo, precedeu a existência de espaços específicos para sua prática.

O aumento do fluxo migratório decorrente da crise de mão de obra na Europa também foi fator importante na assimilação de modelos pouco ou nada usuais na república recém–instalada. Os imigrantes trouxeram novidades, principalmente nos aspectos da organização de entidades, políticas ou desportivas, que acabaram por se propagar e adquirir fisionomia própria, como foi o caso do futebol.

Segundo Melo (2001:27), «as práticas consideradas esportivas eram tão díspares que até mesmo os banhos de mar eram assim denominados». Para efeito de organização, o mesmo autor estabeleceu uma classificação para as manifestações que eram consideradas como *sport*:

- o primeiro grupo abrigava atividades como corrida de velocípedes, corridas atléticas, natação e futebol, «jogo pouco conhecido entre nós, no começo do século [XX]. Jogam–no apenas os ingleses do Paissandu Cricket Club, aqui, e em Niterói os do Athletic Association» (EDMUNDO, 2003:534).
- o segundo grupo estava mais associado a diversões como corridas de cachorros e de pombos–correios, brigas de galo, *cricket*, banhos de mar e patinação;
- o terceiro grupo agregava as atividades já desenvolvidas e devidamente organizadas e estabelecidas, inclusive com espaços definidos para sua prática, como o remo. Porém «mais que as regatas, as corridas de cavalos interessam e entusiasмам particularmente o carioca» (EDMUNDO, 2003:526).

Portanto, a prática do futebol, que despertaria furor e paixões em poucas décadas, não apresentava um início com grande significação e a atenção das elites

continuava voltada para a prática do remo, com seus atléticos participantes, com bom nível econômico e cultural, tirando partido da vocação natural da cidade para atividades aquáticas, ou para o turfe, que poderia agregar segmentos da elite, com excelente disponibilidade financeira, desfrutando elegantes espaços frequentados pelo topo da segregadora pirâmide social da *Belle-Époque*.

DAS ORIGENS DO FOOT-BALL, OU SIMPLEMENTE FUTEBOL NO BRASIL

A história oficial registra que o *foot-ball* foi introduzido no Brasil em 1894, pelo descendente de ingleses Charles William Miller, que regressou após dez anos de estudos na Inglaterra. Em sua bagagem, duas bolas, uma bomba de ar para enchê-las, um livro de regras do *association football*, uma camisa do *Banister School* e outra do *St. Mary*, equipes inglesas.

Na Várzea do Carmo, na cidade de São Paulo, ele organizou algumas partidas experimentais, depois repetidas na chácara da família Dulcey e nas dependências do São Paulo Athletic Club.

Outras fontes indicam que o esporte foi divulgado por operários ingleses das fábricas paulistas, trazendo a tradição já consolidada para o Brasil.

Pesquisas do historiador Santos Neto (2002), apontam que o futebol já era praticado em diversos colégios pelo Brasil antes de Miller. Tal iniciativa foi atribuída aos padres jesuítas, reintegrados à prática escolar, em alguns de seus estabelecimentos: em 1880, no colégio São Luiz, em Itu; em 1886, no colégio Anchieta, no Rio de Janeiro. Também no Rio, em 1892, se praticava o esporte no colégio Pedro II.

Independentemente do responsável pela sua introdução no Brasil, foi Charles Miller que apresentou o futebol à elite paulistana e o grande responsável por sua popularização, pois o esporte também se desenvolveu entre a classe operária do Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1898, estudantes do Mackenzie fundaram a Associação Atlética Mackenzie, o primeiro clube brasileiro para a prática do futebol, imediatamente seguido pelo São Paulo Athletic, integrado por ingleses, que organizou seu departamento de futebol.

No entanto, segundo a CBF,³ a mais antiga agremiação do país fundada especialmente para a prática do futebol é o Sport Club Rio Grande (Rio Grande, RS), de 24/06/1900, sucedido pela Associação Atlética Ponte Preta (Campinas, SP), criada no mesmo ano. Na cidade do Rio de Janeiro, o Fluminense Football Club é o mais antigo, fundado em 21/07/1902.

DOS CLUBES E ESTÁDIOS NO RIO DE JANEIRO

Mesmo originário de São Paulo, foi na cidade do Rio de Janeiro que o futebol adquiriu cor e paixão nacionais. As partidas gradativamente equiparavam-se ao turfe e ao remo, os esportes prediletos da população. Alguns clubes de regatas incorporaram o futebol, herdando a paixão já consolidada de suas torcidas, como Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama e São Cristóvão.

O público das arquibancadas contava com expressiva presença feminina, trajadas elegantemente, assim como seus acompanhantes. A elegância também estava presente nos uniformes dos jogadores, originalmente com calções-bermudas, camisas de mangas compridas e até mesmo gravatas.

O aumento da frequência decorrente da popularização do esporte indicava a urgente necessidade da construção de estádios mais confortáveis, substituindo as instáveis arquibancadas de madeira, presente em quase todos os gramados.

A partir da década de 1920 iniciaram-se as caderneas e rifas para recolher fundos, permitindo às agremiações a consolidação de suas tradições na solidez de estádios compatíveis com as aspirações de seu quadro social.

Entre 1919 e 1965, praticamente todos os doze clubes integrantes do universo do futebol carioca construíram seus próprios estádios, nos mais diversos pontos da cidade. Era o futebol se popularizando e atingindo indiscriminadamente a todas as classes, todas as regiões, abrigando uma das mais famosas competições do país até o final da década de 1970: o Campeonato Carioca. Os demais estados abrigavam uma competição longa, com muitos times do interior, meros coadjuvantes dos principais das capitais, dois ou três, no máximo, que sempre dividiam os títulos e protagonizavam as finais.

3. A CBF foi fundada em 8 de junho de 1914 com o nome de Federação Brasileira de Sports. Em 5 de dezembro de 1916, passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Desportos. Em 24 de setembro de 1979, a CBD passou a ser chamada de Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

4. No jargão futebolístico, denomina-se «alçapão» o estádio pequeno, com grande proximidade entre torcedores e jogadores, exercendo grande pressão psicológica, inclusive contra a arbitragem.

CLUBES CARIOCAS E SEUS ESTÁDIOS				
Clube	Nome do Estádio	Endereço	Inauguração	Público
América Football Club	Est. Giulite Coutinho	R. Cosmorama, 200, Edson Passos (RJ)	2000	15.000
Bangu Atlético Clube	Est. Proletário Guilherme da Silveira	Rua Sul América 950, Bangu	1947	15.000
Bonsucesso Futebol Clube	Est. Leônidas da Silva	Rua Teixeira de Castro, 54, Bonsucesso.	1947	10.000
Botafogo de Futebol e Regatas	Est. General Severiano (demolido em 1974)	Rua Venceslau Brás, 72, Botafogo.	1938	12.000
Campo Grande Atlético Clube	Est. Ítalo del Cima	Rua Arthur Rios 1270, Campo Grande	1960	15.000
Clube de Regatas do Flamengo	Est. José Bastos Padilha	Praça Nossa Senhora da Auxiliadora, s/nº, Gávea	1938	8.000
Fluminense Futebol Clube	Est. Manoel Schwartz (das Laranjeiras)	Rua Álvaro Chaves 41, Laranjeiras	1919	18.000 (1919)
Madureira Esporte Clube	Est. Aniceto Moscoso	Rua Conselheiro Galvão 130, Madureira.	1941	10.000
Olaria Atlético Clube	Est. Antonio Mourão Filho (Bariri)	Rua Bariri, 251, Olaria.	1947	12.000
Associação Atlética Portuguesa	Est. Luso-Brasileiro	Rua Haroldo Lobo 400, Ilha do Governador	1965	8.000
São Cristóvão Futebol e Regatas	Est. Figueira de Melo	Rua Figueira de Mello 200, São Cristóvão	1919-1946 (reforma)	6.000
Clube de Regatas Vasco da Gama	Est. São Januário	Rua Gal. Almério de Moura 131, Vasco da Gama	1927	33.000
Maracanã	Est. Jornalista Mário Filho	Rua Prof. Eurico Rabelo, s/n, Maracanã	1950	180.000 (1950) 74.000 (2013)
Engenhão (cedido ao Botafogo)	Est. Olímpico João Havelange	Rua Arquias Cordeiro, 1100, Engenho de Dentro	2007	45.000

TABELA 1

Enquanto isso, a cidade do Rio de Janeiro assistia a um campeonato com doze clubes, todos com seus estádios, provocando diversas surpresas nos jogos realizados nos «alçapões».⁴

A partir da fusão do antigo estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, consumada em 1975, ocorreram diversas modificações na estrutura do futebol. O antigo Campeonato Carioca, que ainda mantém o nome, incorporou, gradativamente, clubes de todo o novo estado, tornando-se, na prática, fluminense. Portanto, é indispensável um quadro com os doze clubes cariocas originais e suas respectivas localizações, considerando que alguns dos antigos estádios foram demolidos ou substituídos por outros, em novo endereço, por vezes até fora da cidade. (Tabela 1)

ARQUITETURA DOS ESTÁDIOS CARIOCAS, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Até meados da década de 1970, quando o Campeonato Carioca era de fato disputado apenas entre equipes da cidade do Rio de Janeiro, praticamente todos os estádios eram utilizados nos dois turnos da competição, com o regulamento estabelecendo o sistema de «lá-e-cá», emocionando os torcedores.

Complementando, o Maracanã destinava-se aos clássicos, ou seja, jogos tradicionais entre os seis clubes considerados grandes —América, Bangu, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama— que também disputavam a Taça Guanabara, com todas as partidas realizadas naquele que era o maior estádio do mundo, até 2000, quando recebeu uma grande reforma para realização do Mundial de Clubes, transformando sua configuração original e diminuindo sua capacidade.

Os clássicos ostentavam títulos respeitáveis: América x Vasco, o clássico da Paz; Flamengo x Vasco, dos milhões; Fluminense x Botafogo, o vovô; sem contar o insuperável Fla x Flu, denominação originária de um combinado entre os referidos clubes, em 1925, para um campeonato brasileiro de seleções estaduais.

Alguns desses antigos estádios foram desativados para jogos considerados de grande público (Bonsucesso, Flamengo e São Cristóvão); outros foram demolidos, transferidos ou reconstruídos (América, Botafogo); alguns clubes sequer voltaram a disputar a divisão principal (Campo Grande, São Cristóvão), enfim uma transformação que dificilmente será revertida pelos novos regulamentos.

Em alguns clubes, elegantes sedes sociais foram incorporadas aos estádios originais. Não raramente, tratavam-se de elaborados projetos arquitetônicos, de renome profissionais. Como exemplos, a sede do Botafogo foi projetada pelos arquitetos Archimedes Memória e Francisque Couchet; o Fluminense recebeu um edifício de Hipólito Pujol, buscando unidade com as arquibancadas, com famosos vitrais art-nouveau; o Vasco da Gama recebeu complexo projeto neocolonial luso-brasileiro, desenvolvido pelo engenheiro português Ricardo Severo, incorporando o maior estádio particular da cidade, que poderia abrigar mais de 30 mil torcedores.

O América possuía um elegante e pequeno estádio à Rua Campos Sales, transferido para a rua Barão de São Félix, Andaraí-Vila Isabel, de modestíssimas instalações, substituído por um shopping-center na década de 1980. No final do século passado iniciou a construção de um novo estádio (então o mais moderno da região metropolitana), porém em Mesquita, município vizinho à capital.

O Bangu Atlético Clube, campeão carioca por duas vezes, está intimamente ligado à divulgação do futebol na cidade. Afinal, a fábrica de tecidos Bangu, com seus operários e técnicos ingleses, responsabilizava-se pela ampliação da paixão pelos gramados. Após um incêndio nas arquibancadas de madeira da Rua Ferrer, foi inaugurado, em 1947, um novo estádio, de concreto armado, com capacidade para 15 000 espectadores.

O conjunto do Botafogo, originalmente composto por sede social, uma elegante edificação neocolonial, com influência mexicana, no final da década de 1920, incorporou posteriormente um estádio de médio porte, concluído nos anos 1940, com elementos de influência art-déco, demolido em 1974, após demorado processo judicial. A sede foi tombada pelo poder municipal, recuperada e devolvida ao clube na última década do século passado, porém o estádio desapareceu, substituído por um *shopping-center*. Após a realização dos jogos pan-americanos, através de uma negociação com a prefeitura do Rio de Janeiro, o Botafogo arrendou, com a participação de uma empresa europeia, as dependências do Estádio Olímpico João Havelange, o Engenhão, considerado o mais moderno do Brasil. No entanto, por falta de fiscalização e atraso no cronograma, o conjunto foi inaugurado às pressas, sem o devido controle de qualidade. Apesar dos custos, transtornos e promessas

não cumpridas para a vizinhança, cinco anos após sua conclusão o estádio foi interditado por problemas estruturais na cobertura, programando sua reabertura para 2015.⁵

O Flamengo, ainda que conte com magníficas e modernas dependências para o seu quadro social, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, não dispõe de um estádio condizente com sua tradição e prestígio. As arquibancadas são antigas, desconfortáveis e reduzidas para sua imensa torcida. Além disso, o acesso não apresenta boa manutenção nem qualidade arquitetônica passível de registro.

O Fluminense, tradicional clube das Laranjeiras, primeira equipe de futebol do Rio de Janeiro, conta com elegante estádio de pequeno porte —8000 espectadores—, diminuído em sua capacidade original (18 000) quando foi alargada a rua Pinheiro Machado. As arquibancadas da tribuna social estão integradas à sede, elegante edificação eclética de gosto Luiz XVI, vitrais e gradis *art-nouveau*, compondo, certamente o mais belo exemplar de arquitetura sócio-desportiva da cidade.

O Clube de Regatas Vasco da Gama ainda detém o privilégio de contar com o maior estádio particular da cidade, inaugurado em 1927, construído por Cristian & Nielsen, com projeto inicial de Ricardo Severo, com capacidade para mais de 30 000 espectadores, só superado pela inauguração do Maracanã, em 1950. Trata-se de um complexo desportivo, em constante ampliação, com bloco para sociais contando com edificação de fachada neocolonial, piscinas, capela, pista de atletismo, concentração para atletas e arquibancadas cobertas e descobertas, construídas em concreto armado.

Os clubes considerados de pequeno porte também contam com instalações capazes de abrigar jogos de porte médio. Nem sempre a solução arquitetônica é de boa qualidade estética na fachada, já que a maioria dos estádios, construídos na primeira metade do século XX, não conferia grande interesse formal aos acessos para arquibancadas. Simplesmente incluíam pequenas bilheterias e desconfortáveis acessos aos degraus, nos quais a plateia se instalava, às vezes sob sol muito forte, para assistir aos disputados jogos, junto aos alambrados, muito próxima aos juizes e jogadores. Externamente, grandes muros, verdadeiras muralhas separando os torcedores das ruas, impedem a visualização do gramado e geram a degradação das áreas vizinhas, muitas vezes dependentes das atividades dos clubes.

5. A Prefeitura do Rio divulgou, nesta sexta-feira, que a recuperação dos problemas estruturais do estádio levará 18 meses. Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/5125/extra-campo/2013/06/07/4033033/engenh%C3%A3o-ficar%C3%A1-interditado-at%C3%A9-2015> (acessado em 30 ago 2012).



FIGURA 2 | Maracanã 1977.

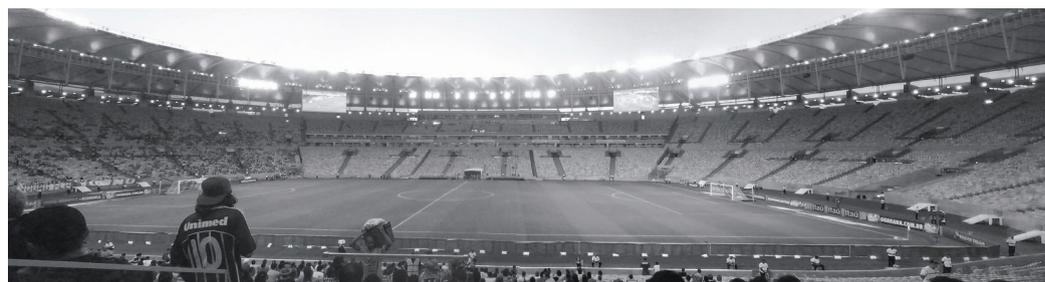


FIGURA 3 | Maracanã 2014.

Devido às grandes alterações ocorridas na organização do antigo Campeonato Carioca, transformado em fluminense, incorporando equipes de todo o estado do Rio de Janeiro, diversos times tradicionais da cidade caíram para a Segunda ou Terceira Divisão, gerando prejuízos para as agremiações e, por consequência, para a vizinhança imediata. O espaço ocioso das dependências foi ocupado por outras atividades como feiras de roupa, bailes, muito diferentes da destinação original.

Entre eles, merece algum destaque o projeto de Hélio Modesto para o estádio da Portuguesa, na Ilha do Governador, originalmente Jockey Club da Guanabara, destinado ao turfe. Mesmo com discreta fachada, as arquibancadas dispõem-se sob elegante marquise de concreto armado, com significativo balanço a partir de robustos pilares que se desenvolvem como troncos ou bases de taças.

Em quase todos os exemplos citados não é possível perceber qualquer preocupação quanto à implantação. Fatores condicionantes como acessos, trânsito, circulações, estacionamento, praticamente não foram considerados, resultando em graves problemas em dias de jogos mais concorridos.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, a FIFA retomou a organização da Copa do Mundo, interrompida em 1938. Considerando a situação internacional, tornava-se conveniente trazer a competição para a América latina e o Brasil foi contemplado, sediando a IV Copa do Mundo de 1950.

Para atender às solicitações internacionais, o governo brasileiro decidiu, convidando um grupo de profissionais, enfrentar o desafio de construir um espaço de exceção, um verdadeiro templo do futebol mundial, enfim, o maior estádio do mundo, com capacidade para 200 mil espectadores: surgia o Maracanã, construído em menos de dois anos. (Figuras 2 y 3)

Diversos aspectos negativos detectados em outras praças desportivas foram corrigidos durante a concepção e construção do estádio

Jornalista Mário Filho, projetado e construído em menos de dois anos. (Figuras 2 y 3)

do por uma equipe de arquitetos composta por Rafael Galvão, Pedro Paulo Bastos, entre outros.

Mesmo sem conclusão da obra, o templo futebolístico cumpriu seu papel abrigando um público que jamais será contabilizado e certamente foi o maior de sua história durante a final daquele evento, a partida entre Brasil e Uruguai, com triste lembrança para os torcedores que trocaram a comemoração da vitória «certa» por um amargo vice-campeonato, perdendo para a modesta celeste por 2 a 1, após estar vencendo até os 34 minutos do segundo tempo.

No entanto, as recentes recomendações dos órgãos internacionais implicaram em profundas modificações estruturais. Além disso, devido às suas dimensões, o estádio foi requisitado para abrigar eventos diferentes da destinação original: shows de música, festas de Natal, encontros religiosos, frequentemente provocando danos às suas dependências, principalmente o gramado. Mesmo com todas essas agressões, não é possível simplesmente descrever o Maracanã com palavras. Arquitetura, acessos, arquibancada, gramado, vestiário.. Um fenômeno que só se completa com as cores das bandeiras, o delírio das arquibancadas no momento mágico de uma jogada inesquecível, a catarse do gol!

*«Que bonito é... as bandeiras tremulando,
a torcida delirando,
vendo a rede balançar...».*⁶

OUTRAS CONSIDERAÇÕES E QUESTIONAMENTOS

Para aqueles não iniciados torna-se muito difícil explicar o que é a sensação de um gol de seu time, da sua seleção. Ainda assim, de uma forma atávica, é difícil resistir a esta marcha de 1970, mesmo diante de todo um contexto sócio-político adverso:

*«De repente é aquela corrente pra frente.
Parece que todo o Brasil deu a mão.
Todos ligados na mesma emoção
Juntos um só coração.»*⁷

Mesmo com o estado de exceção, houve uma explosão de festas em todo o país. Afinal, o Brasil sagrava-se tricampeão do mundo de futebol, arrancando o privilégio de ficar definitivamente com a Taça Jules Rimet, roubada e derretida em 1983.⁸ O presidente Médici, após a vitória de 4 a 1 sobre a seleção italiana, na final, apro-

veitando a onda nacionalista, pronunciou uma frase que imediatamente foi incorporada pela propaganda inicial, integrando cartazes, botões e modinhas: «Ninguém segura este país».

Enfim, trata-se de um episódio ritualístico, compartilhado por uma multidão fascinada, delirante: a partida ocorrerá no fim da tarde, mas desde manhã existe a preparação; almoço é servido mais cedo; almofada na mão; bilheteria, rampas, provocações. A voz rouca e metálica dos alto-falantes anuncia a escalação, um a um; papel picado, rojões, aplausos e vaias; entra em campo a equipe predileta, cara ou coroa. Começou a partida. Coração em salto, unhas roídas, ataca a equipe perigosamente e huuuuu! Pela linha de fundo. Momento do intervalo e zero a zero... Um copo de cerveja quente, «vai um mate aí?», um cantinho no banheiro apinhado e já começou o segundo tempo. A disputa permanece acirrada e a multidão, extática, acompanha todos os lances, erros e acertos. Impedimento, marca o bandeira, provocando a fúria dos torcedores e o tradicional coro sobre a «família» do então inimigo... De repente,

*«Sacudindo a torcida aos trinta e três minutos
Do segundo tempo
Depois de fazer uma jogada celestial em gol
Tabelou driblou dois zagueiros
Deu um toque driblou o goleiro
Só não entrou com bola e tudo porque teve humildade em gol.»*⁹

Catarse. «Preso nos elos de uma só cadeia, a multidão faminta cambaleia, e chora e dança ali! Um de raiva delira, outro enlouquece... Outro, que de martírio embrutece, cantando, geme e ri!».¹⁰

A multidão chora e ri, delira, enlouquece. Legionários de um mesmo exército, amigos para sempre seguindo uma bandeira. Outra jogada genial, uma bicicleta, bola na rede, gol anulado, alegando-se jogo perigoso...

*«E nem quero pensar
se meu time não fosse o campeão...
Sorrindo ele me segredou:
Nós fazia uma revolução.»*¹¹

Naquele momento não existe identidade individual, mas o sentimento coletivo de vitória e de perda, que contemporaneamente extravasa-se através de manifestações de violência. Veículos e lojas são depredados, ataques

6. Letra-vinheta para a música «Na Cadência do Samba», composta por Luiz Bandeira, originalmente instrumental, trilha sonora da seção de futebol do noticiário «Canal 100», exibido antes da exibição de filmes nos cinemas até a década de 1970.

7. Trecho da marcha «Prá frente Brasil», op. cit.

8. <http://www1.ionline.pt/conteudo/38319-taca-jules-rimet-o-roubo-no-rio-e-maldicao-dos-quatro-ladros> (acesso em 30 ago 2103).

9. Trecho da música «Fio Maravilha», música composta por Jorge Ben, vencedora do VIII Festival Internacional da Canção, em 1972, interpretada por Maria Alcina.

10. Trecho do poema «O Navio Negroiro», de Castro Alves.

11. Trecho da música «Se meu time não fosse o campeão» composta por Luiz Gonzaga Jr., grav. MPB4, Bons tempos, hein?!, 1979.

12. Primeira página do jornal O Globo, Rio de Janeiro, 20 jul 1992.

13. Expressão cunhada no jargão do futebol para designar o sentimento de frustração da torcida diante da derrota da seleção brasileira, em pleno Maracanã.

14. «Governo atuou na saída de Saldanha». Reportagem publicada em O Globo, 2. ed., 4 de abril de 2004, seção Esportes, p. 54.

15. *Idem*.

16. http://uj.novaprolink.com.br/noticias/25385/Teixeira_defende_a_demolicao_do_Maracana_ (acessado em 30 ago 2013).

personais, gerando lesões corporais de toda a ordem, provocando inclusive mortes, nem sempre de forma involuntária. Transformou-se a guerra simbólica, salutar disputa, em simulacro de situações limites de tensões, gerando crimes contra a vida.

As paixões, às vezes associadas à falta de responsabilidade ou avidez por melhores faturamentos, também podem gerar consequências desastrosas, sequelas psicológicas insuperáveis.

«Grade podre do Maracanã cede e deixa 200 feridos.»¹²

Basta a recordação de uma final de copa do mundo, em 1950, na inauguração do Maracanã, para que as testemunhas oculares relembrem o fatídico Uruguai 2 X 1 contra os donos da casa, a «insuperável» seleção brasileira, diante de um estádio superlotado, sem possível definição do número de pagantes. Era o «maracanaço»!¹³

A paixão é tanta que foi e é habilmente utilizada como instrumento dissipador das tensões sociais, artifício fartamente utilizado pelo governo militar, sublinhado com a construção de gigantescos estádios por todo o país, em locais que, segundo o disse-me-disse popular, a lotação era muito superior ao número de habitantes de algumas cidades de médio porte.

«Em sua inauguração, em 1970, a capacidade do Estádio Batistão, de 30 mil pessoas, em Aracaju, era maior do que a população adulta da capital sergipana.»¹⁴

Em entrevista ao jornal *O Globo*, em 04 de abril de 2004, o presidente da Federação de Futebol do Rio de Janeiro garantiu que o Almirante Heleno Nunes, à frente da CBD, promoveu a construção de cinquenta e seis estádios, com investimentos do Ministério do Interior, alegando que para um time entrar no campeonato nacional precisa ter onde jogar.¹⁵

No mesmo ano de 2004, o ex-presidente da CBF, Ricardo Teixeira, defendia a demolição do Maracanã:

«Maracanã tem de ser explodido. É impossível refazê-lo, ou mesmo adaptá-lo para receber uma Copa do Mundo. Não vejo o Maracanã sendo usado durante uma Copa do Mundo.»¹⁶

Em 2007, o mesmo dirigente comemorava a «escolha» do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014, indicando o «velho e obsoleto» estádio para abrigar a grande final, desde que recebesse todas as modificações exigidas pela FIFA.

Enquanto isso, a prefeitura do Rio de Janeiro inaugurava o mais moderno estádio da América do Sul, mas sem planejar um eficiente programa de trânsito ou transporte público, optando pela solução de fechar as ruas nos dias de jogos.

Ambos, Maracanã e Engenhão, representam a falta de critério ou controle nos gastos públicos para atender um evento, cujo legado nunca chega àqueles que deveria. O Estádio do Maracanã, inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN, em dezembro de 2000, foi descaracterizado pelas obras para a Copa do Mundo de 2014, sofrendo mutilações e acréscimos irreversíveis, com a convivência do Superintendente do mesmo IPHAN, sob alegações inconsistentes e infundadas que, no mínimo, revelam seu desconhecimento sobre a questão.

A reforma produziu um outro edifício, que por acaso também se chama Maracanã, mas perdeu sua alma e sua essência, ganhando a forma «arenizada» determinada pela FIFA e por seus atuais responsáveis. Completando a irresponsabilidade e insensibilidade do poder público, o estádio foi arrendado e seus donos atuais definiram preços extorsivos para os ingressos, mesmo não tendo contribuído em nada para sua construção milionária, estranhamente muito acima de qualquer gasto previsto originalmente, mas avalizado pelo poder estadual.

O Estádio Olímpico João Havelange, o popular Engenhão, além das diversas manifestações solicitando a mudança do nome original, devido às acusações internacionais relativas à sua má gestão na FIFA, também conta com a negligência de seus construtores e fiscais. Ou seria pouco provável sua interdição menos de cinco anos após a inauguração, sob alegação de danos estruturais na cobertura, que poderia levá-la à ruína. Tal fato, curiosamente aconteceu próximo à reinauguração do Maracanã, com seus ingressos vendidos a preços astronômicos, explorado por empresas com relações diretas com o poder público, amplamente noticiadas pela imprensa.

Nas ruas, a população comemorou a decisão que trará a Copa para o Brasil, mas não cogita que dificilmente conseguirá entrar nos estádios, ou pelo preço dos ingressos ou pelo sistema de vendas e distribuição entre os «patrocinadores».

Como ensaio, foi realizada a Copa das Confederações, evento-teste para verificar as possibilidades, problemas, acessos às Arenas, nova denominação atribuída aos estádios, conferindo-lhes um ar globalizado.

Pelo acúmulo de problemas, desvios, promessas não cumpridas, a Copa tornou-se das Manifestações e revelou a insatisfação relacionada à incompetência do poder público em resolver questões fundamentais relativas às necessidades básicas da população, muito além da construção de novos estádios.

Certamente, com a velocidade das redes sociais, não será fácil desviar atenções e realizar propagandas formadoras de opinião, manipuladas por poucos e restritos veículos de comunicação do passado recente, que subliminarmente impunham um «Brasil que ia pra frente». Muitos já sabem que, se houver algum legado, será decorrente de custos muito elevados, certamente que continuarão a beneficiar muito poucos.

Algumas outras questões para reflexão:

- O antigo Maracanã comportava cerca de 200 mil torcedores, em arquibancadas de concreto, com dois acessos principais. Não havia metrô, não havia meia entrada e os ingressos eram comprados na bilheteria, antes das partidas. Tudo funcionava, não havia conflitos nem se interditavam dezenas de ruas, como exige a FIFA, interferindo na própria soberania política e no direito sagrado de ir e vir. Como explicar as atuais providências ineficazes adotadas por iniciantes no espírito do futebol?
- O antigo Maracanã, além do espaço físico, comportava um leque de experiências imateriais, vivenciais. Rituais e códigos apreendidos e aplicados pelos torcedores como local específico das torcidas, tipo de alimentação, personagens que habitavam a geral.¹⁷ A partir da definição do novo espaço físico, asséptico como um centro cirúrgico, com lugares demarcados, preços extorsivos, como permanecer o *genius loci*?¹⁸ Certamente foi expulso dos gramados, junto com o povo, impedido de participar do espaço que ele ajudou a perpetuar.

- O antigo Maracanã não foi reformado. Transformou-se numa Arena e talvez aqui esteja a resposta. Arena Maracanã, em outro *zeitgeist*,¹⁹ teatralizado, globalizado, com manifestações previamente ensaiadas, talvez até para um novo grito rouco de gol, na prorrogação. Aquele *zeitgeist* se foi com seu *genius loci*, certamente permanecendo na memória afetiva de quem o vivenciou ou em desbotados filmes 16mm, que nem passam mais antes da sessão de cinema das cinco, que também não é mais a matinê.

No entanto, como manifestação catártica de uma multidão em transe, dificilmente outro esporte ainda conseguirá catalisar tantos sentimentos, aglutinar 200 mil espectadores numa mesma emoção, até porque o «Maraca não é mais nosso», pois existe um outro estádio, muito menor, arenizado, pasteurizado, fifatizado, nunca mais o nosso Maraca, Never more, como diria o velho corvo de Poe.

*«A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda, é uma partida de futebol.»²⁰ ♣*

17. Denominava-se «geral» o espaço destinado aos torcedores, localizado junto ao gramado, de forma contínua, composto por degraus de espelho baixo e largos pisos, onde o público permanecia de pé durante toda a partida.

18. *Genius loci* é uma expressão latina para designar interação entre lugar e identidade.

19. *Zeitgeist* é um termo alemão que significa o espírito de uma época, divulgado por filósofos como Hegel.

20. Trecho da música «É uma partida de futebol» composta por Samuel Rosa e Nando Reis, grav. Skank, O Samba Pocciné, 1996.



BIBLIOGRAFIA

- AWI, F., GUEIROS, P. M. e AGUIAR, T.:** Futebol aquartelado. In *O Globo*, 2. ed., seção Esportes, pp. 54–58. Rio de Janeiro, (4 abr 2004).
- BANGU, A. C.:** – Estádio. Disponível em: <http://www.bangu-ac.com.br/estadio.htm> (acessado em: 30 ago 2013).
- BONSUCESSO** Futebol Clube – História. Disponível em: <http://www.bonsucessoofcrj.com.br/historia.html> (acessado em 30 ago 2013).
- DAMATTA, R. (org.):** *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- EDMUNDO, L.:** *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003.
- MELO, V. A. de:** *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Relume Dumará: FAPERJ, 2001.
- HOBBSAWN, E.:** *A Era dos Impérios. 1875–1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- LIMA, M. A. de:** «As origens do futebol na Inglaterra e no Brasil.» Disponível em: www.klepsidra.net/klepsidra14/futebol.html (acessado em: 23 fev 2004).
- RAMOS, R.:** *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SANTOS NETO, J. M.:** *Visão do jogo – Primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEVCENKO, N.** «Futebol, metrópoles e desastinos.» In *Revista USP: Dossiê Futebol*, Nº 22, 1994.
- VERÍSSIMO, F. S., BITTAR, W. S. M. e Alvarez, J. M.:** *Vida Urbana – evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- VILS, W. e BITTAR, W. S. M.:** «Estádios de Futebol no Rio de Janeiro: Evolução e Estudo de Casos.» In GAZZANEO, L. M. C. e SARAIVA, S. B. C. (orgs.): *A República no Brasil 1998 – 2003. Ideário e Realizações. Volume I – Arquitetura*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2003.
- VOGEL, A.:** «O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional.» In DAMATTA, R. (org.): *Universo do futebol. Esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- A Prefeitura do Rio** divulgou, nesta sexta-feira, que a recuperação dos problemas estruturais do estádio levará 18 meses. Disponível em: <http://www.goal.com/br/news/5125/extra-campo/2013/06/07/4033033/engenh%C3%A3o-ficar%C3%A1-interditado-at%C3%A9-2015> (acessado em 30 ago 2012).
- América Football Club.** Patrimônio do Rio. Disponível em <http://www.americario.com.br/site2/index.php/noticias/fotos/estadio/> (acessado em 30 ago 2013).
- Governo atuou na saída de Saldanha** (04 abr 2004). In *O Globo*, 2. ed., seção Esportes, p. 54. Rio de Janeiro.
- Grade padre do Maracanã** cede e deixa 200 feridos (20 jul 1992). In *O Globo*, p. 1. Rio de Janeiro.
- Taça Jules Rimet.** O roubo no Rio e a maldição dos quatro ladrões. Disponível em: <http://www1.ionline.pt/conteudo/38319-taca-jules-rimet-o-roubo-no-rio-e-maldicao-dos-quatro-ladros> (acessado em 30 ago 2013).
- Teixeira defende a demolição do Maracanã.** Disponível em : http://uj.novaprolink.com.br/noticias/25385/Teixeira_defende_a_demolicao_do_Maracana_ (acessado em 30 ago 2013).